Percepções a respeito do Edital de Fomento à Economia Solidária do município de Niterói:

análise com base em entrevistas em profundidade

Maio de 2025

Laboratório de Análise de Políticas Públicas e Sociais do FGV CPDOC

Ficha técnica

Coordenação do projeto de extensão:

Jimmy Medeiros – jimmy.medeiros@fgv.br

Professor da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC e do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais. Coordenador do Laboratório de Análise de Políticas Públicas e Sociais (LabSocial).

Equipe:

Alcyr da Silva Júnior – aluno do curso de Doutorado Profissional

Arlindo de Oliveira Freitas – aluno do curso de Doutorado Profissional

Andrea Bello – pesquisadora em estágio de pós-doutorado no FGV CPDOC

Cláudia Gramático – aluna bacharel em Ciências Sociais

Daniela Aires – aluna do curso de Doutorado Profissional

Felipo Abreu – aluno do curso de Doutorado Profissional

Maria Julia Vale – aluna bacharel em Ciências Sociais

Maira Eduarda Aires – aluna bacharel em Ciências Sociais

Maryana Cassemiro – aluna bacharel em Ciências Sociais

Realização:

Laboratório de Análise de Políticas Públicas e Sociais (**LabSocial**) do FGV CPDOC

Site: https://cpdoc.fgv.br/laboratorios/labsocial

Apoio:

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Índice

Introdução 4

Metodologia e trabalho de campo 5

A Experiência com o Edital de Fomento 7

Sugestões para o próximo edital 9

Coletivismo na prática: relatos das experiências 11

Execução das atividades e venda dos produtos no campo da Economia Solidária 14

Considerações finais 15

1. Introdução

De acordo com a Política Municipal de Economia Popular Solidária de Niterói, "a Economia Solidária constitui-se de iniciativas coletivas organizadas sob a forma de empreendimentos para a produção de bens e cultura, prestação de serviços, consumo, comercialização, realização de operações de crédito e outras atividades econômicas, baseando-se na autogestão democrática, na cooperação, na solidariedade e garantindo a partilha equitativa das riquezas produzidas". Assim, promove a valorização das ações colaborativas, da solidariedade e da coletividade no âmbito da sociedade. De forma objetiva, este tipo de construção social tende a possibilitar o estabelecimento de relações mais justas entre os indivíduos.

A prefeitura de Niterói lançou dois editais de fomento à economia solidária e inclusão produtiva no município, sendo o primeiro lançado no ano de 2023 e o segundo em 2024. O objetivo de ambos é fortalecer as associações, as cooperativas e os coletivos autogeridos, além de estimular a criação de novas organizações e redes de produção e serviços solidários na cidade e, por fim, fortalecer a inclusão produtiva.

Conforme divulgado pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Economia Solidária (SMASES) de Niterói, o edital propôs selecionar e apoiar financeiramente propostas denominadas como do campo da Economia Solidária, aportando recursos para "custos cartoriais e contábeis, reformas e construções de espaços físicos dos coletivos, aquisição de insumos e materiais permanentes, aumento de capacidade produtiva, assessoria técnica/jurídica, capacitação e formação dos trabalhadores, impostos e microcrédito local". Ao todo, quarenta e cinco coletivos foram contemplados nos dois editais.

O presente artigo é fruto de um projeto de extensão desenvolvido no âmbito da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC[1] (FGV CPDOC) em parceria com a SMASES e contou com a participação de 14 alunos e alunas dos cursos de graduação em Ciências Sociais e dos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais

[1] Mais informações sobre a instituição de ensino em: https://cpdoc.fgv.br/

do FGV CPDOC. O projeto teve a coordenação do professor Jimmy Medeiros como parte das atividades do Laboratório de Análise de Políticas Públicas e Sociais (LabSocial) do FGV CPDOC. O objetivo desta publicação é sintetizar os principais resultados obtidos a partir do trabalho de campo qualitativo, realizado pelos alunos do FGV CPDOC junto aos integrantes dos coletivos contemplados pelo Edital de Fomento à Economia Solidária publicado pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Economia Solidária de Niterói.

O objetivo das entrevistas foi compreender a formação e trajetória dos empreendimentos, assim como a dinâmica de funcionamento dos coletivos e o processo de venda e, principalmente, a experiência com o processo do edital (desde a inscrição até o uso dos recursos) e os desafios e potencialidades percebidos pelos participantes na gestão e execução das atividades propostas no edital. Assim, a presente análise busca sistematizar as maiores dificuldades e um conjunto de sugestões para contribuir com possíveis melhorias para futuras iniciativas de fomento desenvolvidas pela SMASES.

2. Metodologia e trabalho de campo

Para o desenvolvimento da pesquisa de campo, os participantes da atividade de extensão elaboraram um roteiro[2] para entrevista em profundidade de maneira a explorar a percepção dos integrantes dos coletivos contemplados pelos editais da SMASES. O foco das entrevistas em profundidade foi conhecer mais a respeito das características e do funcionamento do fomento à Economia Solidária no município.

As entrevistas em profundidade são fundamentais para permitir analisar profundamente determinado tema por meio da interação entre pesquisador e pesquisado (Barros, 2015). Assim, esta metodologia será importante para que o grupo de pesquisadores possa conhecer melhor a respeito da realidade do funcionamento dos editais das SMASES, segundo a perspectiva dos beneficiários, ou seja, é possível explorar as vivências, desejos e crenças dos entrevistados. Neste caso, o instrumento de pesquisa é composto por perguntas abertas para que a agenda da

[2] O roteiro utilizado no trabalho de campo está em anexo, ao final do presente trabalho.

política não seja conduzida pelos pesquisadores, mas sim pelos entrevistados. Além disso, esta técnica de pesquisa possibilita que novos temas e assuntos surjam durante a interação.

Além disso, as entrevistas vão ser importantes para definir o instrumento de pesquisa a ser adotado na segunda etapa do projeto: um survey para mensurar a percepção de todos os coletivos a respeito do edital de fomento à economia solidária.

De forma prática, representantes dos coletivos contemplados nos dois editais foram contatados para agendar uma entrevista entre os dias 15 de fevereiro e 25 de março. Ao final, foram entrevistados 4 beneficiários representantes de 3 coletivos de diferentes tipos de segmento de atuação na economia solidária. Duas entrevistas foram realizadas em ambientes públicos com circulação de pessoas e a outra entrevista foi realizada em espaço privado de uma instituição religiosa. A entrevista mais curta teve duração de 41 minutos e a mais longa demorou 73 minutos. Todos os entrevistados neste relatório serão tratados de forma anônima, portanto serão nomeados como entrevistado 1, entrevistado 2, entrevistado 3 e entrevistado 4, independentemente do sexo do indivíduo, como forma de contribuir com o anonimato do participante.

O trabalho está organizado em sete seções, contando com a introdução, as considerações finais e a seção do desenho da pesquisa e os aspectos metodológicos. Quatro seções temáticas debatem a percepção dos entrevistados, sendo a primeira seção temática sobre a experiência dos entrevistados com o edital de fomento. Em seguida compilamos sugestões para um próximo edital de fomento, com o intuito de contribuir com o aprimoramento deste instrumento. Na sequência, são discutidos aspectos relacionados ao "coletivismo na prática" e, por fim, a última seção temática que aborda a "execução das atividades e venda dos produtos no campo da Economia Solidária". E, como mencionado, ao final são feitas algumas considerações finais com base nos dados da pesquisa de campo.

3. A Experiência com o Edital de Fomento

De início, os entrevistados foram questionados a respeito da experiência dos integrantes dos coletivos com a candidatura ao fomento oferecido pela Prefeitura de Niterói. A percepção geral é que a iniciativa de lançamento do edital é "positiva" e "necessária". Segundo os relatos, o edital é visto como uma oportunidade crucial, um "fôlego", especialmente, para empreendimentos que passavam por dificuldades financeiras.

Por exemplo, o entrevistado 1 disse que *"Foi uma excelente iniciativa... Nesse primeiro que eu fui contemplado, teve muita gente que ganhou e caiu de paraquedas, né? Se inscreveu na Economia Solidária, mas nunca foi da Economia Solidária, nunca fez uma feira, né? Então entrou para acessar o recurso, né?"*. Nesse mesmo tom, o entrevistado 4 apontou *"Eu achei que é uma coisa excelente, uma ideia muito boa que realmente favorece os menos"*. O entrevistado 2 reforçou a ideia e valorizou a ação do poder público municipal: *"quando nós vimos, vimos que, assim, tinha um meio que nos deixou, muito... muito felizes de ver o serviço público... se preocupar em não deixar verba parada ou remanejar pra outro lugar. Mas teve a ideia de fazer esses editais que... foi maravilhosa a ideia do edital."*.

Ainda sobre este tema, o entrevistado 2 valorizou o edital, pois permitiu o desenvolvimento das suas atividades profissionais e ressaltou "*porque se não fosse com a ajuda desse edital, com certeza a gente não teria chegado onde nós já chegamos. As pessoas que a gente quer, de fato, é fazer com que elas tenham essa oportunidade"*.

No que concerne à candidatura, considerando os desafios e as dificuldades em redigir o projeto, em planejar o plano orçamentário e todos os detalhes exigidos pelo edital, três entrevistados pontuaram certa facilidade, sobretudo, pela experiência que tinham. Por exemplo, o entrevistado 1 disse que "*Basicamente eu que redigi... o projeto*". Já a entrevistada 2 relatou:

> *"a gente já vinha trabalhando com ponto de cultura. Então, nós já tínhamos essa linha. E criar projetos para a [participante do coletivo] não é problema. Ideias, ela consegue… Então, assim, nós fomos criando, elaborando e partilhando com todo o coletivo, mostrando e enxugando. Mas tem, assim, alguns cursos que a gente, né, talvez hoje a gente não iria oferecer".*

A entrevistada 2 ainda pontuou que durante o processo de escrita do projeto fez contato com a equipe da SMASES para dirimir dúvidas e deixar a proposta mais assertiva possível. Em detalhe, o trecho a seguir ilustra a iniciativa da representante do coletivo:

> *"Tudo que eu tenho dúvida, eu vou perguntando. Então assim, tudo que a gente tem dúvida, a gente vai lá, pergunta, eles explicam, eles falam, eles orientam. "Não é... de repente, se vocês fizerem o caminho assim..." Então, assim, não temos que reclamar. Aliás, até eu falo pra eles assim, olha, desculpa, mas eu não vou fazer na dúvida. Então, pra atender e até pra gente não ter riscos de sair do que o edital propõe, a gente vem sempre aqui. Eles falam a todo momento e respondem sempre com toda boa vontade, como for, com toda disposição, sem problema nenhum".*

Já o entrevistado 4 relatou certa dificuldade com este processo e, por conta disso, decidiu contar com uma ajuda externa. Conforme relatou: *"Contratou-se uma pessoa para fazer todo o processo do edital, todo o preenchimento, tudo"*. Ainda sobre as dificuldades na aplicação para o edital, o entrevistado 4 apontou a possibilidade de dificuldade de interpretação do edital por pessoas com menor instrução formal, sugerindo a necessidade de uma linguagem mais acessível ao público atuante na economia solidária. Ele ressaltou: *"Mas é uma questão de você há de convir que tem pessoas ali que são donas de casa não tem o mínimo de instrução como que nós vamos acessar aquilo ali entender e interpretar?... um linguajar vamos assim dizer, mais acessível a esse povo..."*. Ele chamou atenção ainda para o critério de pontuação como uma dificuldade, especialmente, para indivíduos que não realizavam certas atividades predefinidas. Por exemplo, ele disse: *"Como você vai acessar o edital... tem aquela parte da pontuação... Se é uma coisa que está se formando, muita coisa você não realizou para pontuar, né?"*.

Por fim, o recebimento dos recursos do edital, após a aprovação, foi relatado como "fácil" e "direto na conta indicada". A manutenção desta facilidade é interessante para as próximas edições do fomento. O entrevistado 4 apontou como destaque positivo ao mencionar que *"foi extremamente fácil. É... Isso aí não teve... Não teve problema nenhum... No projeto já tinha uma... Já tinha um campo pra você colocar a conta que ia receber a grana"*.

4. Sugestões para o próximo edital

Os entrevistados elencaram algumas sugestões para o próximo edital com o objetivo de aprimorar o trabalho em desenvolvimento. Neste sentido, o entrevistado 1 recomendou "*apresentar um modelo de projeto. Vamos dizer, até nesse segundo, o que seria um plano de negócio, que às vezes, na primeira vez… na primeira vez… eles falavam que eles aceitavam o plano de negócio de texto*". Em outro trecho da entrevista reforçou esta proposta com:

> *"Eu acho que você apresentar um modelo de projeto aceitável, perfeito, acho que auxilia bastante as pessoas, né? Porque aí tem uma particularidade, a Economia Solidária… ela é um leque de pessoas extremamente trabalhadoras e de todos os níveis de acesso à cultura, né? A escolaridade formal e tudo mais. Então, tem essa dificuldade, né?".*

A preocupação do entrevistado 1 é que sejam oferecidos meios para permitir contemplar, sobretudo, o público que participa das atividades da economia solidária. Para isso, ele chamou atenção para uma revisão dos critérios de pontuação de modo que permita valorizar a trajetória e experiência dos candidatos presentes no campo da economia solidária há mais tempo. Ele disse: *"muita gente que é da feira mesmo, não teve o acesso, não foi contemplado. Então tem algumas políticas que são estimuladas a serem desenvolvidas, né?"*. Disse ainda nesta linha de ideia que deveria "*de alguma forma privilegiar em ponto alguns empreendimentos que não… Que estão atuando já há muito tempo na economia solidária e que não tiveram acesso, né? Tá? O... As cláusulas identitárias... Que são justas, né?"*.

Já o entrevistado 3 apontou a possibilidade de remunerar os integrantes dos coletivos nas próximas chamadas para o fomento. O entrevistado 2 fez coro à sugestão anterior e acredita ser necessário "*ir além do fomento pontual via edital, buscando formas mais estáveis de apoio, como convênios, que permitam planejamento a longo prazo"*. Todavia, esta sugestão propõe uma outra dinâmica da natureza da relação da SMASES com os coletivos beneficiários. A proposta é permitir que parte do recurso seja usada para remunerar o "tempo" e o "trabalho" dos membros dos coletivos, não apenas para compra de bens/insumos, de maneira a favorecer maior estabilidade financeira dos participantes.

Durante as entrevistas, surgiu a recomendação de que seja oferecido um treinamento em empreendedorismo para os integrantes dos coletivos de modo a potencializar os resultados planejados. O entrevistado 4, por exemplo, acredita ser importante "*que tivesse orientação tipo, para a pessoa aprender a empreender, tivesse algum curso, por exemplo no Sebrae. Uma parceria com o Sebrae para botar essas pessoas que ganhando o edital, a coisa fosse obrigatória*". Mas apontou que o caminho foi outro, ao privilegiar conteúdos que seriam pouco aplicados na realidade dos coletivos. Apesar da diversidade vivenciada pelos grupos beneficiados pelo edital de fomento, talvez seja interessante oferecer um treinamento basilar de administração, por exemplo. Nesta linha, o entrevistado 4 disse:

> *(...) Todos eles eram falta de capacitação. Pra você ter ideia, contratou-se na Sebrae um curso caríssimo para todo mundo participar. Pra mexer no computador, pra aprender a fazer, pra aprender a fazer site, pra aprender... Eu falei: gente, essas meninas não sabem fazer o Beabá, não sabem fazer o Beabá no celular. Como é que elas vão fazer isso? E era uma coisa corrida. No final das contas, ficou meia dúzia participando e as outras restantes foram embora... E aí detalhe, quando esse curso acabou, ninguém mais podia mexer, só elas três. E aí o que adiantava a gente fazer curso? Gastar esse dinheiro?*

Aliado a esta recomendação, o entrevistado 4 considerou importante "*implementar mecanismos de acompanhamento e fiscalização mais próximos, talvez com avaliações anônimas, para garantir o bom uso dos recursos e a dinâmica coletiva*". Há um zelo pelo uso dos recursos de modo que o fomento à economia solidária seja positiva e com resultados concretos. O entrevistado 4 abordou este assunto e sugeriu que *"isso tem que ser fiscalizado mais de perto... Fazer uma avaliação... Faz uma coisa anônima. Faz o questionário tipo a sugestão, bota ali na caixinha*".

Este breve conjunto de sugestões, elaborado a partir das vivências dos entrevistados no projeto de extensão tem o objetivo de contribuir com novas iniciativas para fortalecer o trabalho em desenvolvimento no campo da economia solidária.

5. Coletivismo na prática: relatos das experiências

O edital de Fomento à Economia Solidária pode ser útil para estimular e impulsionar a formação de novos coletivos no campo da Economia Solidária em Niterói, mesmo que os candidatos não tivessem experiência no campo e em trabalho coletivo. Pode ser um mecanismo catalisador do coletivismo, mesmo que nem todos os beneficiários do edital permaneçam coletivizados ou atuando no campo após alguns meses ou anos.

Ou mesmo, o edital pode ser visto como um mecanismo de estímulo à formalização de grupos da economia solidária que já atuam em conjunto. Por exemplo, o entrevistado 2 apontou que "*o coletivo nasceu para atender o edital da Economia Solidária. Então, assim, a gente viu ali a oportunidade das pessoas, essas pessoas que estão no coletivo já estavam com a gente de forma voluntária, e vimos a forma de ter os insumos e materiais que a gente estava com dificuldade de ter*".

Por outro lado, a formação dos coletivos foi apontada pelo entrevistado 4 como uma barreira para o presente edital. Afinal, o formato de aproximação adotado por muitos coletivos, conforme ressaltou o entrevistado, favoreceu a composição de grupos sem conexão verdadeira e, sobretudo, sem vivência na Economia Solidária.

Um aspecto que ficou evidente na formação dos coletivos é com relação à dinâmica da sua composição. Há mudanças na quantidade de integrantes e, ao mesmo tempo, na participação de colaboradores eventuais de prestadores de serviço. O entrevistado 2 mencionou que o coletivo era composto por "*oito pessoas. Isso. Todos eles bem envolvidos, bem engajados. Ajudam a gente na atividade. (...) Nós temos mais pessoas como os monitores, né? Que assistem pra gente. Quase vinte. Com voluntários e pessoas que prestam serviço nas oficinas*".

O entrevistado 1 esclareceu que no ato da composição do coletivo, ficou definido, desde o início, os valores do orçamento para uso de cada integrante, de modo que ao longo da execução do projeto já estava tudo alinhado. Isso, como mencionado pelo entrevistado, foi importante para que o coletivo não tivesse desavenças e ruídos durante a execução das atividades. Todavia, o grupo é formado por indivíduos que mantiveram sua individualidade profissional.

Por fim, o entrevistado 3 destacou uma forte valorização da unidade no trabalho do coletivo. Conforme mencionado, é o "*coletivo pelo coletivo. (...) O coletivo é uma fortaleza, assim né… Quem trabalha sozinho não chega. Quem trabalha sozinho, na verdade, você tem sempre uma… um grupo com estranhos, mas a gente como coletivo é tudo junto. Recebendo apoio…quando recebe, recebe. Quando não recebe…*".

O entrevistado 4 relatou problemas no desenvolvimento das ações do coletivo que faz parte, uma vez que não ocorreu uma integração entre os participantes, nem teve o fortalecimento das atividades coletivas. A experiência relatada pelo entrevistado deixou evidente a falta de conexão entre os integrantes. Por exemplo: "*Quem fazia brinco era uma pessoa. Aliás, tinham duas. Uma com uma técnica, que não ensinava ninguém a técnica, era dela e acabou. Ela não ensinava técnica para ninguém. A gente fez de tudo e ela não ensinava*".

Os entrevistados relataram tensões e diferentes abordagens quanto ao trabalho coletivo. O entrevistado 1 relatou as dificuldades do trabalho coletivo sem estrutura e capacitação adequadas dos integrantes. Mencionou que a gestão do coletivo era centralizada em poucas pessoas, com baixo grau de respeito às sugestões dos demais participantes, levando a conflitos e falta de coesão. Por exemplo, *"O que eu percebia é que três pessoas dominavam essa administração... Era uma gestão de três pessoas e o resto era funcionário"*.

Seguindo este tom de preocupação com o baixo grau de cooperação entre os integrantes dos coletivos, o entrevistado 2 relatou que embora parte de um coletivo, tende a tomar decisões de forma individualizada.

Já o entrevistado 4 disse certa preocupação com a centralização das decisões do coletivo, pois *"Na verdade, o que era para ser de uma forma coletiva, a participação de todos na definição das coisas, acabava se unificando em três, quatro pessoas"*. De acordo com sua visão, todos deveriam decidir por tudo, coletivamente e evitar, assim, que uma parte tomasse as decisões mais relevantes para o grupo.

Além disso, relatou que duas integrantes do coletivo conduziam as atividades e centralizavam as decisões, deixando evidente a sua insatisfação com isso. O entrevistado mencionou que "*Então ficava mais na administração. Então, na verdade, o que era para ser de uma forma coletiva, a participação de todos na definição das coisas, acabava se unificando em três, quatro pessoas*". Essa falta de alinhamento das decisões entre os integrantes do coletivo ficou

evidente em outro trecho da entrevista com as surpresas na aquisição de equipamentos, por exemplo, quando: "*elas diziam: a gente tem que comprar máquina, a gente tem que comprar uma geladeira, a gente tem que comprar não sei o que. E compravam e a gente só ia saber depois… e a gente só soube… a gente levou um susto quando as máquinas chegaram*".

Outro aspecto negativo relatado pelo entrevistado 4 foi a falta de sintonia entre os integrantes do coletivo em decidir o percurso de trabalho, de produção e de venda. Como ele disse, essa indefinição das ações do grupo atrapalhou a realização do trabalho: "*Olha, eu não sei nem te dizer, porque realmente era assim: eu decidia uma coisa, fechava o pacote ali, naquela semana. Na outra semana já não era mais aquilo. Já era uma outra coisa que tinha que ser feita*".

Adicionalmente, o entrevistado 4 destacou a continuidade da venda de produtos individuais pelos integrantes do coletivo que ele fazia parte como um marco da baixa atuação coletiva. Isso reforça a ideia de que cada um cuidava do seu sem se preocupar com o grupo como um todo. O entrevistado 4 disse: "*Porque as pessoas também continuavam vendendo as suas coisas individuais. Então tipo, você tá no coletivo, mas eu trabalho com confeitaria. Então eu não tinha nada pra vender do coletivo, eu ia pra feira vender o meu produto*". Sua insatisfação foi elevada a ponto de ele mencionar que, atualmente, prefere trabalhar sozinho sem a interferência de outras pessoas. Por exemplo, disse: "*Hoje eu preferia trabalhar de forma individual. Porque no coletivo tinha que ser uma coisa alinhada*". Mudar a cultura da individualização não é tarefa simples, dado o enraizamento desta ideia na sociedade.

6. Execução das atividades e venda dos produtos no campo da Economia Solidária

A última seção do relatório elaborado a partir das entrevistas em profundidade reúne as impressões dos entrevistados a respeito da produção e venda dos produtos pelos coletivos. De início, cabe destacar a valorização atribuída à loja EcoSol como ponto de venda. O entrevistado 4, por exemplo, mencionou "*A loja [EcoSol] é importante, tá? Eu acho que a loja é importante*". Em conformidade, o entrevistado 1 disse "*É importante a Economia Solidária ter a loja… nesses últimos anos a Economia Solidária teve avanço em Niterói tanto com relação a… antigamente a gente pagava barraca, agora a própria prefeitura paga. Teve o avanço dos editais, né?*".

Apesar de, na maioria das vezes, as feiras apresentarem boa estrutura para os participantes, um entrevistado ressaltou que seria interessante sempre garantir a melhor condição, como "*ter mais estrutura nas feiras, que não tem nenhum banheiro, às vezes*". Mas esta fala não deve ser considerada como uma crítica generalizada. Apenas uma fala lateral, visto que acontece poucas vezes. Mas, o interessante é considerar a oferta ideal do serviço.

O entrevistado 4 detalhou a dinâmica de produção que muitas das vezes era direcionada por uma escolha do coletivo, decidindo o que seria produzido para ter o material a ser vendido. E, outras vezes, essa escolha se dava por uma demanda maior, como o pedido de uma empresa ou instituição. A falta de unicidade das escolhas das mudanças bruscas eram problemáticas e geraram incertezas. Assim, nos contou:

> *"a gente primeiro fazia uma reunião e decidíamos o que a gente ia produzir. Aí, como eram bolsas artesanais e algumas pessoas não tinham ideia, então contratou-se uma professora para ensinar, (...) E aí, a gente aprendia a produzir as bolsas e para produzir as bolsas. Só que aí, na outra semana, vinha alguém e dizia, não, a gente tem que fazer isso assim, assim, para ONG. E aí, a gente parava a produção para inventar outra coisa lá. Não tinha um parâmetro".*

Algumas vezes o processo de direcionamento da produção para a venda não era muito bem planejado e isso, decerto, dificultou todo o processo de venda dos produtos. O entrevistado 4 demonstrou certa preocupação com a condução com o percurso das atividades, pois "*como não vendia, não entrava dinheiro, e no final das contas a gente estava pagando pra trabalhar. (...)*

Participou-se de alguns eventos e feiras. Eventos que eu digo pela ONG que gerou esse coletivo. Então a gente acabava botando nesses lugares pra vender. Era ali que a gente vendia. Mas isso era esporádico. Não era uma coisa contínua".

7. Considerações finais

O conjunto de entrevistas permitiu identificar que o edital de fomento à economia solidária no município de Niterói é uma política pública avaliada de forma positiva e contribui com o campo de diversas formas para os coletivos contemplados, proporcionando, por exemplo, recursos essenciais para infraestrutura, para o desenvolvimento e a continuidade das atividades. A iniciativa foi elogiada por sua existência e pela agilidade no repasse dos fundos.

A pesquisa de campo identificou desafios significativos, particularmente relacionados à capacidade de gestão interna dos coletivos, à necessidade de formação em empreendedorismo e à falta de coesão em grupos formados especificamente para o edital. A linguagem utilizada no edital e a dificuldade em atender critérios de pontuação também foram barreiras mencionadas para as candidaturas.

Adicionalmente, a análise revela que, embora os coletivos compartilhem princípios fundantes comuns, há variações quanto ao grau de institucionalização da autogestão e a real compreensão e densidade das práticas solidárias no desenvolvimento do trabalho e, por fim, do próprio negócio. Estas variações convergem com a reflexão de Singer (2002) quando cita que a economia solidária não pode ser compreendida apenas como um conjunto de práticas econômicas emergentes, mas como um projeto societal que propõe uma outra lógica de desenvolvimento. Logo, não apenas o conceito, mas as práticas solidárias devem ser, de fato, compreendidas, assimiladas e praticadas pela coletividade para que o negócio, de fato, tenha êxito.

As sugestões de melhoria apontam para a necessidade de um apoio que combine o fomento financeiro com capacitação obrigatória em gestão e planejamento. Os entrevistados indicaram também a importância de mecanismos de acompanhamento mais eficazes, além de adotar

critérios de seleção que valorizem a trajetória no campo da economia solidária e a busca por formas de apoio mais estáveis e contínuas, como convênios.

Sendo assim, apesar da relevância do edital de economia solidária, com duas edições já realizadas, fica evidente a necessidade de aprofundamento e amadurecimento da lógica dos coletivos enquanto "empreendedores solidários e seus impactos na economia local". Para tanto, workshops, mentorias pontuais e consultorias especializadas, sejam como etapas preparatórias para submissão de novos projetos ao edital, como para acompanhamento contínuo da execução com vistas a sustentabilidade dos empreendimentos, tendem a fortalecer o senso de coletividade dos envolvidos, ao passo em que é possível corrigir fragilidades técnicas de operação com instrumentos de gestão e, também, o desenvolvimento atitudinal, sob o prisma das práticas solidárias, com vistas ao protagonismo da coletividade, sustentabilidade do negócio no médio e longo prazo, com reforço do protagonismo destes agentes no território.

A coesão e entendimento dos valores propagados no campo da economia solidária devem ser ampliados. Falta compreensão e o engajamento em ações coletivas. Para isso, sugerimos promover uma formação e fortalecer uma cultura do coletivismo e da economia solidária através de eventos e ações de aproximação do campo. O edital representa um passo importante na direção da economia popular e da economia solidária. Garantir o fortalecimento estruturante deste campo no município é positivo para a manutenção de um ambiente de novas oportunidades profissionais e geração de trabalho.